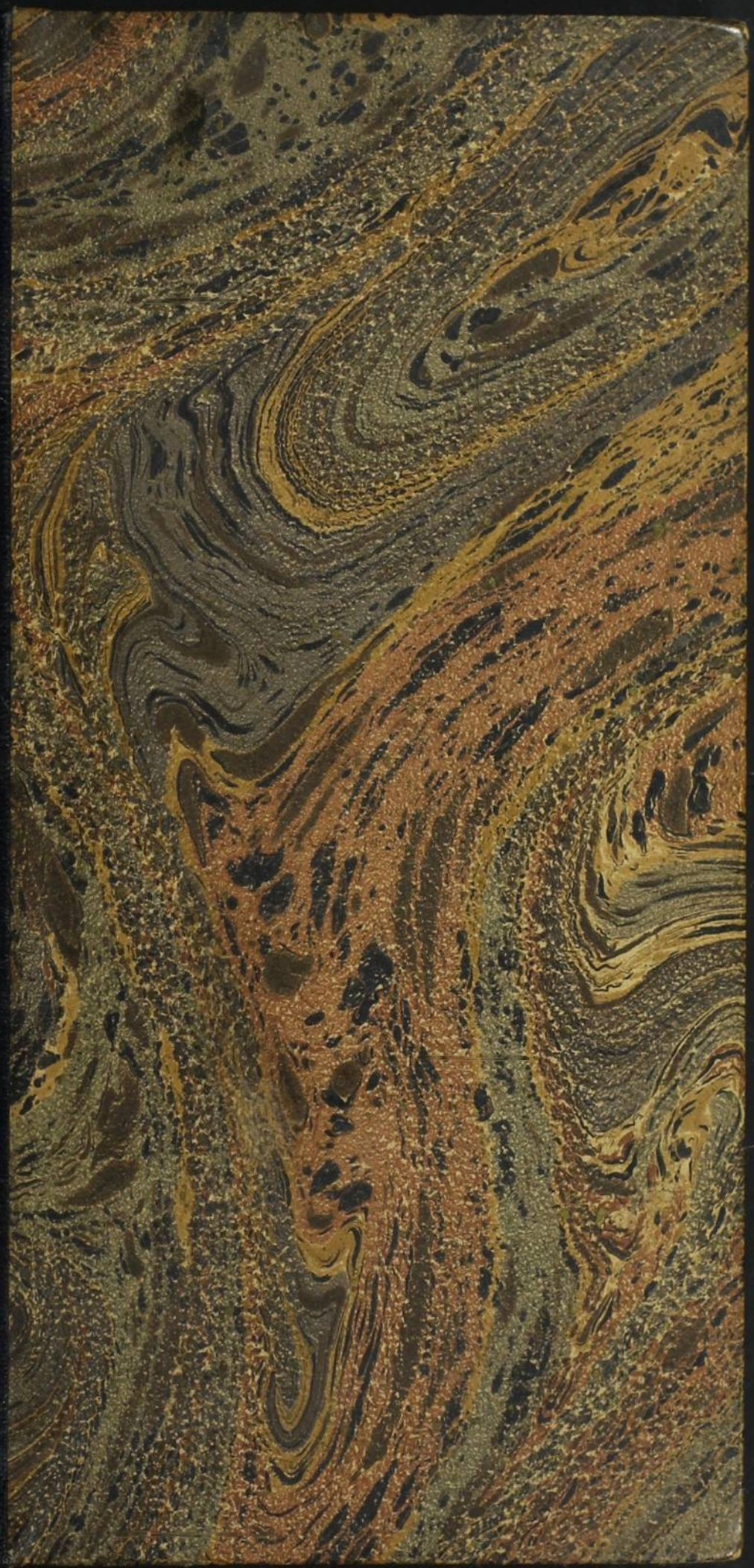
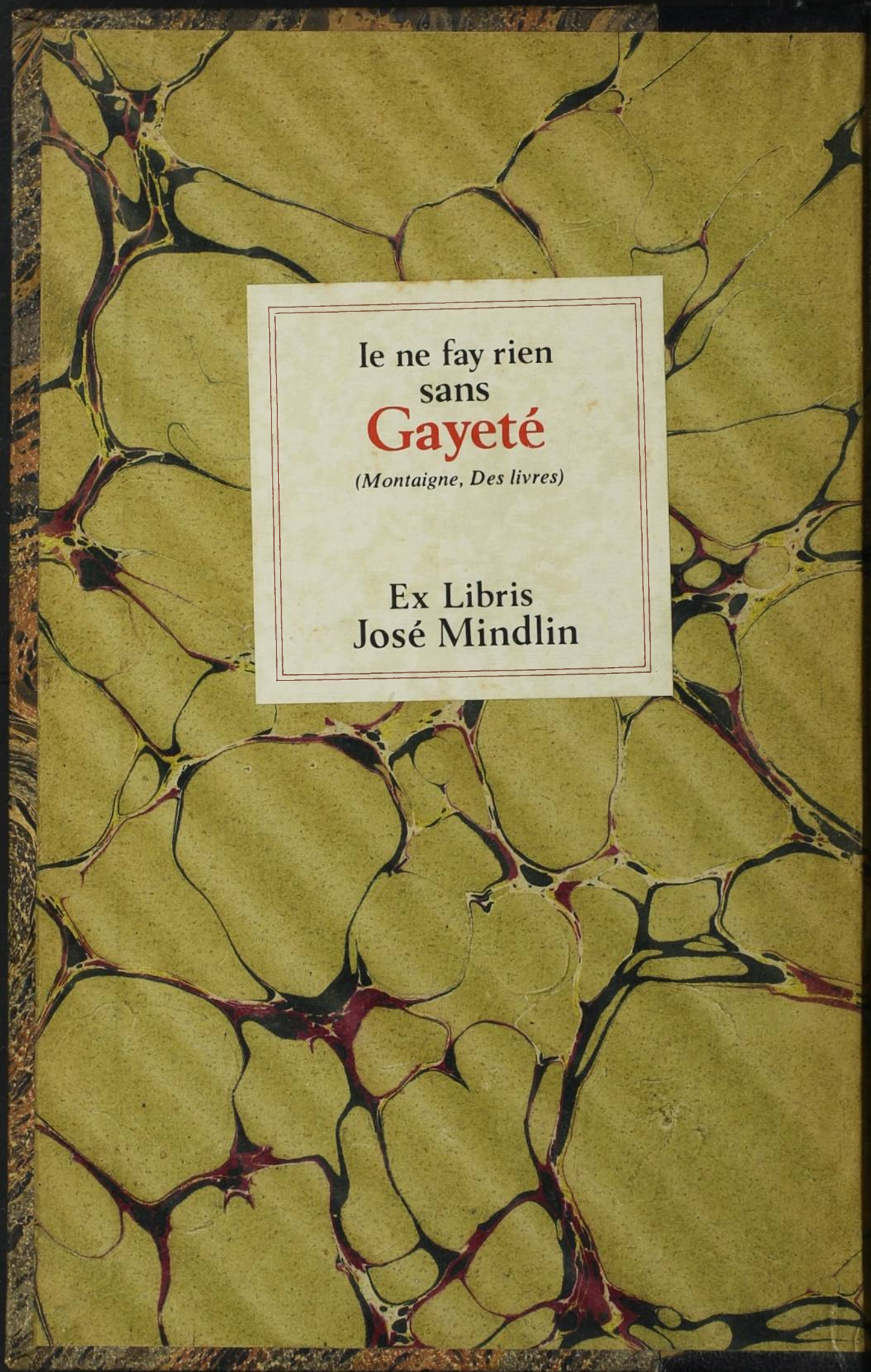



Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

I J 2
N. 77 d v. c -

Nº 3 8,000,00

N.º 77 do V. C.
1809

ORAÇÃO,

QUE NO DIA 22 DE JANEIRO

DO ANNO DE 1809

RECITOU

EDUARDO JOSE' DE MOIRA,

Vigário collado da Freguezia de S. Salvador
dos Campos dos Goitacazes,

Na solemne Acção de Graças pela feliz Restauração do Reino de Portugal,

PRESENTES

O SENADO, CLERO, NOBREZA, E POVO,

OFFERECIDA

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

PAULO FERNANDES VIANNA,

Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de N. S. J. C., do Conselho de S. A., Dezembargador do Paço, Deputado da Meza da Conciencia e Ordens, Intendente geral da Policia da Corte, e Estado do Brazil, etc.

RIO DE JANEIRO.

1809.

NA IMPRESSÃO REGIA.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

TENDO de dar pela primeira vez ao prêlo hum dos frutos das minhas fadigas Evangelicas, houve que a devia offerecer a V. S. Por todos os titulos lhe pertence este tributo da minha gratidão; e seria justamente acoimado, se obrasse de outra maneira. O objecto da Oração, que lhe offereço, penhora todos os corações sensiveis, e patrioticos; e entre os Vassallos Portuguezes nenhum conheço mais afferrado a seus deveres, mais amante do Principe, e da Patria, do que V. S. Estas, e outras relevantes

virtudes, que o adornão, e esmaltão, o levárão como pela mão aos honrosos lugares, que dignamente occupa. Pertence-lhe tãobem por ser composição minha. V. S. além dos beneficios, que me tem feito, os maiores, que se podem esperar, fez-me o de me franquear desde o principio da minha carreira oratoria a sua copiosa, e escolhida Livraria, reflexinando sobre algumas faltas, que me fazia cometer a mingoa de lição: inspirando-me o gosto da boa Literatura, e até ensinando-me a folhear os nossos Classicos antigos, que eu, não sei por que, despresava. São estes os

titulos , Senhor , que lisonjeão a minha esperança , e me assegurão , que V. S. não recusará honrar com a sua protecção huma oração , que , escudada com o seu nome , poderá bem rebater os zoilos , que nunca faltão. Sou com todo o respeito

DE V. S.

Obrigadissimo Capellão

Eduardo José de Moira.

Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem sæculi.

Ter-me-heis sempre com vosco até a consummação dos Seculos.

Math. Cap. 28. v. 20.

ILLUSTRE SENADO.

ASSIM anima, conforta J. C. aos seus Apostolos, quando os envia a instruir os povos espalhados por toda a terra. He sobre a immobilidade das promessas do Filho de Deos, que a Igreja firma, alicerça, escóra o edificio da Fé, certa de que nem as potencias do inferno, nem as da terra se lhe afoitaráõ. Ella póde ser atacada, combatida, ameaçada de huma total ruina, assim como já foi pelo furor dos gentios. Póde ser asaltada, accomettida pela malicia, e artificio dos hereticos, assim como tem sido em todos os tempos, e o será até o fim dos Se-

culos. Póde em fim ser pertubada pela divisão de alguns de seus filhos; mas nem todas as violencias dos idolatras, nem todos os escandalos suscitados por seus proprios filhos, nem todas as ardilesas, e estratagemas dos innovadores poderáõ jámais minorar a sua gloria, ou eclipsar a sua grandeza; por isso mesmo que J. C. lhe promette a sua protecção, e assistencia até o fim dos Seculos. *Ecce ego vobiscum sum omibus diebus usque ad consummationem sæculi.*

Eis aqui, Senhores, o nosso Portugal, eis-aqui aquelle Reino fundado por J. C., aquelle Imperio dado por elle ao grande Affonso Henriques. Embora a negra inveja excite, accenda, mova contra elle as pavorosas furias do inferno, embora em todos os tempos a prosperidade, a independencia, as virtudes de seus Soberanos tenhão sido o alvo, onde se vão despontar as venenozas setas da raiva, e da ambição; seus Louros são immarcessiveis, não se murchao. Portugal fará sempre retumbar a sua gloria de hum pólo a outro pólo; a Fama correndo á maneira de rapida exalação as quatro partes do unïverso publicará a sua grandeza, o seu enthusiasmo, a sua energia, as suas victo-

rias, o amor em fim a seus Legitimos Soberanos. Portugal.... e que mais quereis ouvir; Senhores, Portugal pelo Patriotismo, pelo valor, pelas virtudes de seus filhos he invencivel; póde por algum tempo ceder a sua palma á perturbação. A boa fé, a sinceridade póde por hum daquelles acontecimentos, a que chamamos acaso; fazer por alguns instantes bambaliar a sua gloria, mas não se jactaráõ os seus inimigos de hum completo triunfo. Os Portuguezes não tem meio termo: ou perder a vida, ou conservar intacta a sua Religião, a sua honra, os seus bens, os seus privilegios, e sua Liberdade.

Esta lembrança anima os homens, as mulheres, o Povo, o Clero, a Nobreza. Ainda parece que resôa aos meus ouvidos o tiro de pistolla, com que no Seculo decimo setimo derão o sinal da Liberbade; ainda me parece que ouço aquellas energicas palavras: „Bravos Portuguezes, nossas miserias estão acabadas, nós „recobrámos a nossa Liberdade; o Duque de „Bragança he o nosso Rei, he o nosso Se„nhor Legitimo; nós lhe restituimos a Corôa „de Portugal; o Ceo lhe dê o seu antigo es-

„ plendor ; que elle reine sobre nós , a sua „ Posteridade sobre os nossos filhos.... Mas aonde me arrebata , aonde me transporta o meu patriotismo , o amor ao meu Soberano! Por ventura me esqueço do motivo , que aqui nos ajunta? Perdoai-me , Senhores , huma daquellas distracçoens tão natural a huma alma embriagada de prazer. Eu torno ao meu assumpto , eu condescendo com vosco : vamos , vamos render graças ao Omnipotente pela feliz restauração do nosso Reino opprimido pela tirannia de hum despota , que tirado da féz do povo pela astucia , pelos estratagemas , pela fraude , chegou a cingir o Diadema Imperial ; hum despota , que o Omnipotente na sua colera enviou para flagello , para castigo do mundo , mas que veio achar na Luzitania mingoa aos seus triunfos. Deos já mais desamparará hum Imperio , que elle estabeleceo para si ; he infallivel nas suas promessas ; passará o Ceo , passará a Terra , suas palavras não passaráõ. *Ecce vobiscum*, ect.

Aqui tendes , Senhores , sem mais outra divisão o campo , o ameno campo , onde vai rodar o meu discurso , e o que vai fazer o objecto de vossas attençoens.

COMEÇO.

PAra que facilmente comprehendais, Senhores, quanto estamos penhorados pelo Altissimo, quanto lhe devemos na feliz restauração do nosso Reino; cumpre que tome o fio do meu discurso de mais longe, cumpre que vos pinte o deploravel estado, a que nos reduzio a caviloza invasão dos Francezes.

Considerai, Senhores, a consternação dos habitantes da Bethulia sitiada pelo soberbo Holofernes, General dos exercitos de Nabuchodonosor: não se póde encarecer com palavras a vexação, o desgosto, que todo aquelle povo padecia com o assedio de tão populosa Cidade; dolorosos gritos fazião vibrar os ares, imploradoras lagrimas molhavão pálidos, desfigurados rostos, tudo era pranto, desolação tudo.

Considerai o tristissimo estado, a que se tornou a florentissima Cidade de Jerusalem, depois que sobre ella cahio a ira de Deos; então se desfez, a forte muralha, que a torneava; que-

brárão-se os fortes gonzos das afferrolhadas portas, que a defendião; por ellas entrou hum exercito de barbaros, que não perdoando a sexo, idade, ou condição, reduzio tudo a pó, a cinza, a nada; seus habitadores debalde pertenderão fugir a tanta ruina, tanto estrago; huma afligidissima Mãi com hum tenro filhinho no braço, com outro pela mão, que ainda se não podia sustentar nas mal seguras plantas, lá ficou atropellada pelos que ligeiramente corrião a salvar-se; os Barbaros para melhor saciar a sua fereza lançárão fogo á Cidade, e nas bocas das ruas acabárão victimas das chamas os que tinhão escapado ao rigor dos alfanges. As Virgens forão sacrificadas á licença militar; os Sacerdotes sahião do Sanctuario paramentados das vestes Sagradas, outros cahião mortos com as victimas, que sacrificavão. O Templo, todo o Templo, ficou juncado de cadaveres; aquelle Templo, no qual se tinhão empregado tantas preciosidades, foi em hum instante profanado, reduzido a hum montão de pedras; gemia o Povo, chorava a Cidade.

Eis-aqui, Senhores, com bem pouca differença a situarão da nossa Lisboa, o estado dos

seus Cidadãos. Quando ao abrigo de sabias, de providentes Leis nós viamos prosperar o nosso Commercio, quando o mais affavel de todos os Soberanos segurava o nosso repuoso, a nossa tranquilidade, a nossa paz, os nossos bens, a nossa honra, os nossos privilegios, a nossa Liberdade; quando os Pais ensinavão a seus filhos a balbuciar desde o berço entre innocentes risos o Nome deste amavel Principe; quando finalmente gozavamos de huma inalteravel felicidade.... então, ó desgraça! vimos este mesmo Soberano, que fazia toda a nossa gloria, arrancado do seu throno, do berço dos heróes, do centro das riquezas, da herança de Seus Augustos Pais, abandonado á cortezia das ondas; e nossa Cidade invadida de hum exercito de barbaros, ou bandidos, que entrando debaixo de affectados pretextos, encubrindo com o titulo de protecção a mais negra perfidia, não fez mais do que commeter abominaçoens, sacrilegios, ultrages, mortes, incendios, roubando os Vasos Sagrados, profanando os Templos, menospresando as imagens, obrigando aos consternados Pays, aos inconsolaveis Espozos a presenciar a sua affronta, o seu opprobrio, a sua

infamia, a sua deshonra, a sua vergonha, e... ah! Senhores, Lancemos hum véo sobre tantas abominaçoens; a consternação, a dor, e sentimento, a amargura dos habitantes de Lisboa he superior á toda a expressão; pode-se comprehender, mas não explicar; debalde me cançaria em mendigar na natureza, ou na arte similes, que exprimissem taes sentimentos: seus coraçoens estavão em preza á mais viva dor; a tristeza, a melancolia adejava sobre suas cabeças. Vistes já, Senhores, hum triste campo, que no rigor de hum desabrido inverno he arido, e seco; as arvores se despem da belleza de suas verdejantes folhas; os rios suspendem sua rapida carreira pelo gelo, que os opprime, os sonoros passarinhos ficão tristes, e melancolicos pelo frio, que os detrimenta, em semelhante estado de tristeza, e abatimento se vião os tristes moradores da desolada Lisboa. A oppressão, o despotismo, a rapina, e a tirania erão as deidades, a quem os barbaros victimavão. Não me pertence, Senhores, penetrar os juizos de Deos, eu não me affoito mesmo a perguntar-lhe com o Profeta a razão, por que os impios prosperáõ, e os justos são opprimidos. Ah!

Beijemos a mão, que nos fere, mas ao mesmo tempo reconheça Portugal que até á consummacão dos Seculos terá a Protecção Divina: *Ecce vobiscum*, ect. Sim, aquelle Deos, que confundio os Assyrios, restituindo a Bethulia a paz, a tranquillidade, o prazer, de que estava esbulhada; aquelle Deos, que ao som das trombetas fez cahir as alicerçadas muralhas de Jericó; aquelle Deos, que abismou no mar vermelho o soberbo, e arrogante exercito de Faraó; aquelle Deos, que derrotou as florecentes, e disciplinadas tropas de Senacherib; aquelle Deos, que, fazendo-se visivel ao nosso primeiro Soberano, lhe segurou a mais memoravel de todas as victorias; aquelle Deos, que deixando desprender hum braço da Cruz deu sinaes não equivocos de sua Protecção a Portugal; aquelle Deos em fim, que, quando lhe apraz, derruba dos thronos os soberbos, e orgulhozos, e faz nelles sentar os pequenos, e humildes; desarmou, confundio, anniquilou aos nossos inimigos, inspirando hum novo, desuzado, e nunca visto valor a hum punhado de Portuguezes, que estradados unicamente da justiça da sua causa meterão em confusão, puzerão em fugida a tan-

tos, e tão aguerridos combatentes, renovando-se o milagre obrado com Abias, quando com bem diminuto numero venceo a Reboão, que vinha contra elle na frente de hum formidavel exercito. Ah! Senhores, façamos por ter a Deos por nós, e seja embora superior o poder, que nos opprime; *Si Deus pro nobis, quis contra nos?*

Na verdade importa pouco, que os campos se innundem de Soldados; que seja exsessivo o numero dos combatentes; que suas forças se multipliquem; seus Exercitos se lhe dobrem; que a terra gema vergada com o pezo de suas armas, e seja abalada até seus proprios fundamentos. Se o Senhor não presidir em seu Throno; seus Altares não consumirem victimas santas; se Israel não for justo, breves serão os dias de sua gloria, e em pouco se verá abatida toda sua grandeza. Que provas bem convincentes desta verdade não são os Imperios dos Assyrios, dos Caldeos, dos Persas, dos Medos, dos Gregos, dos Romanos; todos reduzidos á ultima ruina, a cinza, a pó, a nada. Mas para que he, Senhores, hir buscar a seculos tão remotos, e affastados, a naçoens tão estranhas

testemunhos desta verdade, se o objecto destes solemnes cultos pode só ser bastante para accreditar em toda a terra, e em todo o tempo o immenso poder do Senhor, a sua Protecção a Portugal, e o zelo, com que os Portuguezes desprezão as vidas, e o socego da paz para defender o trono dos Reis, que o Ceo lhes destinava.

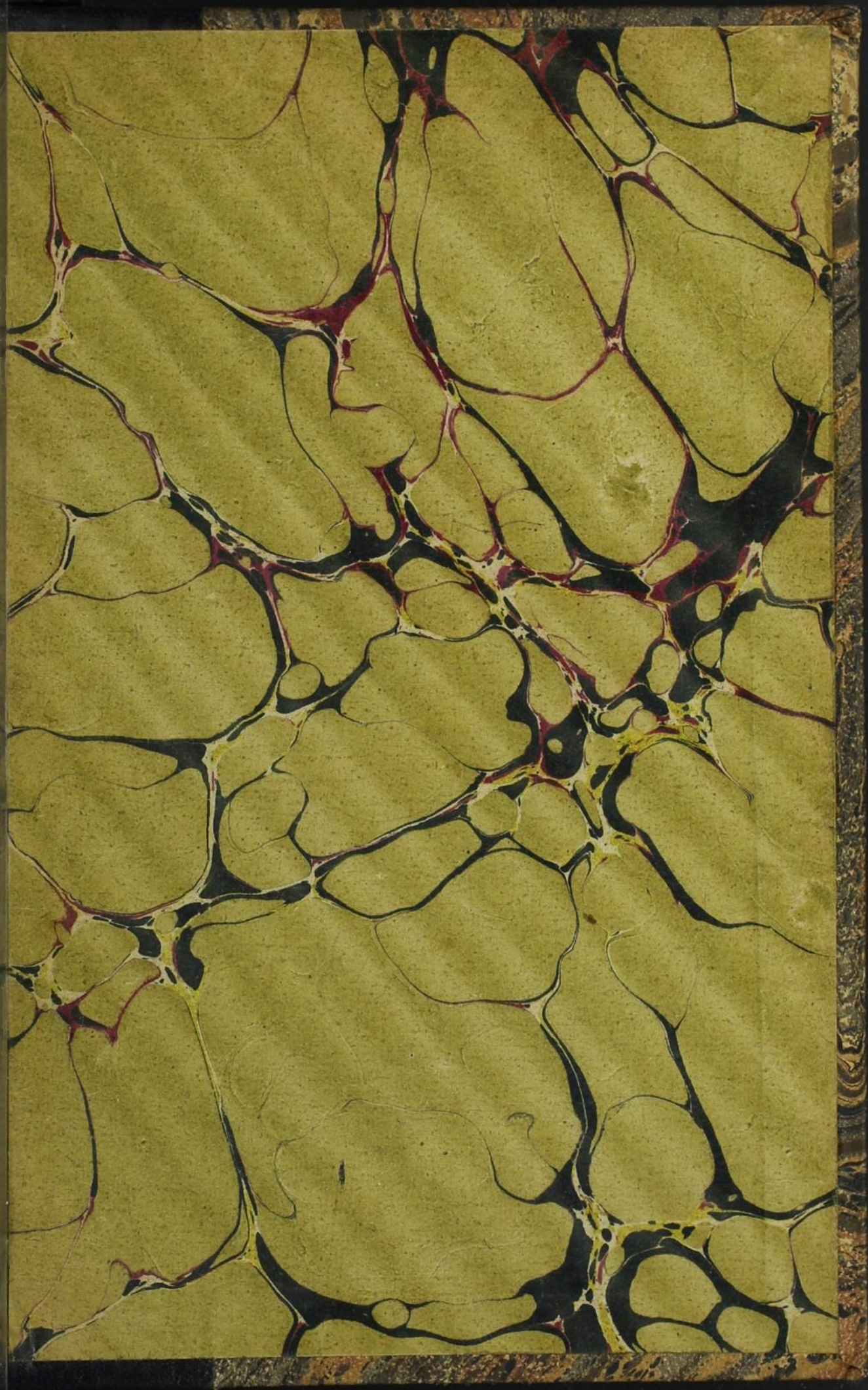
Ah! Deslizemos, Senhores, deslizemos as circunstancias desta guerra; ellas nos levarião muito longe; os estreitos limites, que prescreve huma Oração Sagrada, me sequestrão a esta interessante narração; basta dizer-vos, que os Portuguezes coavão trabalhos, adversidades, injustiças, affrontas, e desgostos. A ausencia do Soberano, a arrogancia, o atrevimento, o despotismo, o ar decisivo, que tinha tomado o individuo, que o substituhia, erão affiados punhais, que se lhes embebião nos coraçoens; nelles encontravão hum vacuo, que nada era capaz de encher. Volvião os chorosos olhos para o Norte, vião a victoria de mãos dadas com a fortuna sentadas teimoisas no Carro do triunfo de seu barbaro oppressor; encaravão o Ceo, e o Ceo lhes parecia que estava de bronze; mas não se desanimão, redobrão as suas oraçoens,

as suas suplicas; Santo Deos, dizem elles, deixareis vós arruinar de todo hum Throno, hum Imperio, hum Reino, que vós tinheis edificado para vós? Serão vencidas, pisadas aos pés as Sagradas Quinas, que os valerozos Portuguezes fizerão sempre triunfantes por todo o mundo? Tremolaráõ victoriozas as bandeiras dos Francezes nos nossos campos? E aquelles Portuguezes fieis, aquelles, que vós destinastes para as maiores emprezas da vossa Santa Fé, ficaráõ em huma dura escravidão, vendo-se obrigados a morder as duras correntes, com que se vem maniatados? Accudi, Senhor, favorecei, remedai os males do vosso povo. São attendidos os seus votos, Senhores; o Deos das mizericordias se enternece: em hum canto de Portugal poucos, bizonhos, desarmados homens derão o Sinal da liberdade. Bastou que hum honrado Portuguez lhes trouxesse á lembrança o sangue, de que procedião, para os inflamar. JA' NÃO HA PORTUGUEZES, grita este digno Vassallo, *qui zellum habeat, exeat post me.* AINDA HA PORTUGUEZES, gritão todos; e semelhantes ao caudaloso rio, que começando a arrombar os diques não pode sustentar-se, correm furiosos ás ar-

mas, intrepidos seguem a este valente Mata thias. Sangue Portuguez lhe borbulha nas veias, o amor patriotico lhes grita aos ouvidos: VIVA PORTUGAL he esta a voz geral, VIVA O PRINCIPE REGENTE, morrão, acabem os nossos inimigos. Estas vozes retumbão por todo Portugal, ferem os ouvidos do perfido Junot, esse homem cujo nome será entre nós sempre repetido com horror, cuja memoria será até o fim dos Seculos abominavel nos fastos Luzitanos, não póde ouvir sem tremer huma tão inexperada peripecia. Ministros de suas vinganças, postados por todo Portugal são os infames delatores: homem ferido de raio não fica mais sobresaltado; recorre ás suas armas costumadas, eu quero dizer, ás suas proclamaçoens: Portuguezes, diz elle, que dilirio he o vosso.... Ah! E que delirio he o teu, ó barro Francez? Tu, que afirmavas, que Portugal não tinha hum punhado de terra para cada hum dos teus soldados (tão grande era o seu numero!) aprende agora, que Portugal tem bastante terra para sepultura dos teus exercitos, que pertubados. e desvairados fervião ali, bem como insectos, de que algum sitio está insado-

Junot, Senhores, parte, diz elle, a pacificar o tumulto, a castigar os sediciozos, e amotinadores, mas não vai sem deixar hum daquelles papeis, com que costuma levar o veneno até os coraçoens; ah fraudulento orador, que sómente amplificas os pontos, que aproveitão a tua cauza, e dos que te podem danar não fazes menção alguma! Elle parte soberbo, e arrogante; qual a vaidoza Náo, que, retesadas as vélas, hia sahindo do porto ameaçando as fortalezas, mas logo que huma balla lhe corta o mastro grande, arreia as bandeiras, e humilde se rende; assim elle alrotando a nossa temeridade, e afoiteza, anima, conforta, acoraçôa, promette, afaga, ameaça aos seus Soldados; accomete, investe, atropella, arrosta-se contra os nossos; mas conhecendo que hum braço Superior peleja a nosso favor, depõe as armas, rende-se, e humilhado pede capitular. Graças vos sejão dadas, ó grande Deos dos Exercitos; esta victoria he o testemunho mais brilhante, mais authentico da vossa Protecção a Portugal. Sim, Sehhores, Portugal em quanto seus Reis forem justos, em quanto não bastardearem, eu quero dizer, em quanto imitarem

a nobreza, as virtudes do memoravel Fundador da Monarchia, será sempre vencedor, nunca vencido. Eu não tenho palavras, expressões não tenho para vos descrever os vivos, os animados transportes de jubilo, os doces movimentos de alegria, que enthuziasmavão aos habitadores de Portugal; era para ver como quazi esquecidos de si, e dos seus interesses, só cuidavão na felicidade da Patria: qual bem dizia a mão bemfeitora, que lhes quebrára as vergonhozas cadeias, que arrastava; qual dava graças ao Omnipotente; qual entre lagrimas d' alegria repetia o nome do nosso amabilissimo Principe. Misturemos, Senhores, misturemos os nossos com os seus hymnos; agradeçamos ao Deos de toda a consolação tantos, e tão exuberantes favores; offereça-mos-lhe os nossos coraçoens; e curvados diante daquelle Throno, a cujos pés lanção os Soberanos as suas coroas, entreguemos-lhe a dos nossos Reis, para que elle a receba, e a torne a pôr com mais firmeza sobre a cabeça do nosso Principe, e dos seus Augustos Descendentes; e se isto em todo tempo se faz precizo, agora ainda he mais indespensavel, pois o agradecimento se deve regular pela medida do beneficio. ——— *Disse.*

C. R.
1809

010286